

Futebol promove a integração de índios

Os índios do Estado de São Paulo entraram em campo, no Estádio do Ibirapuera para disputar o 1º Campeonato Indígena de Futebol, que reuniu cinco etnias (guarani mbya e nhandeva, krenak, kaingang, terena e pankararu).

A abertura dos jogos procurou conciliar regras do rígido protocolo oficial com costumes indígenas. Houve hasteamento de bandeiras e execução do hino nacional, com muitos índios cantando com a mão no peito. Mas também houve tambores, cocares, colares e danças típicas.

No primeiro jogo, entre a aldeia guarani de Rio Branco e o misto krenak-kaingang de Vaniri, deu 16 a 0 para o misto. "Espero que não tenham zarabatanas. Mas acho que quem corre mais perigo são os auxiliares", brinca antes do jogo Edson Ricco Filho, árbitro da Federação Paulista de Futebol.

Segundo Ricco, houve uma preleção entre juizes e jogadores. Decidiu-se que não haveria rigor em regras como cobranças de laterais.

Até 21 de fevereiro, 17 equipes disputam o Intertribol. O cacique da aldeia Morro da Saudade, diferente de alguns líderes "não-índios", não interferiu na escalação do time:

Etnias fazem intercâmbio

Além de disputar um campeonato de futebol, um dos objetivos do encontro entre os índios é a troca de experiências em agricultura, visando a independência financeira das aldeias de São Paulo - o artesanato, uma das atividades dos guarani mbya, não cobre as despesas.

"Precisamos de uma agricultura de subsistência. Não temos ouro nem madeira para vender", afirma o cacique Manuel Lima. (FSP)

"Não é por ser liderança que vou dizer o que fazer".

O campeonato é a fórmula encontrada para reunir lideranças indígenas e articular ações de organismos responsáveis como Funai, Comunidade Solidária e Qualidade de Vida, secretarias do Estado, universidades e organizações não governamentais. (FSP)